

Natalia Czopek

Universidade Jagellónica
de Cracóvia

*LÁ PORQUÉ VOCÊ FALA UMA
LÍNGUA NACIONAL, NÃO É MAIS
ANGOLANO DO QUE EU*¹
– ALGUMAS OBSERVAÇÕES
SOBRE A REALIDADE
LINGUÍSTICA DE ANGOLA

O português nos países africanos partilha a sua posição com várias línguas em presença, sejam nacionais sejam crioulas, e é utilizado sobretudo na política, no trabalho ou na imprensa. Contudo, Angola é um dos poucos países da África negra onde existem pessoas que não sabem falar a língua dos pais e só falam o português.

Angola é um país plurilingue onde uma parte significativa dos seus habitantes é pelo menos bilingue, falando a língua materna bantu ou khoisan e o português. As línguas nacionais mais usadas são: o kikongo (nas províncias de Cabinda, Zaire e Uige), o kimbundo (na região Mdundu que ocupa as zonas de Luanda, Malanje, Bengo e Cuanza-Norte) e o umbundo (Cuanza-Sul, Benguela, Bié, Huambo e a parte norte da Huíla) (Lourenço 1992: 58). Assim como em Moçambique, em Angola nunca se formaram línguas crioulas à base do português.

A política linguística angolana estava ao serviço do regime repressivo, pelo que o uso e o ensino dos idiomas nacionais nas escolas nunca foram postos em prática. As crianças deparavam na escola com uma realidade estranha, na qual se integravam através de uma língua europeia completamente diferente da sua língua materna. Em 1845, o português foi proclamado a língua oficial de Angola e o uso das línguas indígenas, denominadas de “línguas de cão”, foi proibido com excepção da catequese (Hlibowicka-Węglarz 2003: 32).² O ensino do português nunca teve em conta as línguas nacionais faladas pelos alunos. Mesmo assim, o português não conseguiu implantar-se em todo o espaço nacional devido à resistência oferecida pelo povo angolano. Hoje em dia, é utilizado sobretudo nas cidades, onde até há africanos que desconhecem as línguas nacionais. Nas zonas rurais, pela utilização limitada que se faz do idioma português, o conhecimento dele é quase nulo. O português falado pelos habitantes das cidades não apresenta grandes diferenças em relação ao português de Portugal. O sotaque,

¹ J.E. Aqualusa, *Debaixo da língua* disponível em: www.zonanon.com (data de consulta: 3.09.2010).

² Cf. também a legislação de José Mendes Ribeiro Norton de Matos, alto-comissário da República de Angola in: Morais Barbosa 1968: 139–142.

as palavras formadas sob a influência das línguas nacionais e a linguagem coloquial são as características, graças às quais podemos distinguir um angolano, habitante de uma cidade grande, dum português.

Ao longo dos séculos, Luanda, designada também como “jóia da Coroa de Portugal”, foi a cidade principal do mundo lusófono em África. Muitos portugueses ficaram lá, abriram negócios e nunca voltaram para Portugal. Numa certa altura, o nível de desenvolvimento da actual capital angolana era igual ao de Lisboa. Os luandenses falavam português no seu dia-a-dia e, em consequência disso, desconhecem as línguas bantu a favor do português. Mesmo o presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, ou um respeitado diplomata e romancista, Bonaventura Cardoso, admitem que, infelizmente, nunca falaram nenhuma língua originária do continente e que apenas dominam o português³.

É óbvio que não se pode comparar o português falado por uma pessoa para a qual é a língua materna e a única língua do seu dia-a-dia com o português dum indivíduo bilingue cuja língua materna é um dos idiomas bantu. Na situação de bilinguismo, as interferências dos dois sistemas linguísticos são inevitáveis. Para perceber melhor as mudanças que o português sofre sob a influência das línguas bantu, é preciso analisar algumas características das ditas línguas (Guerra Marques 1985: 217):

- Os angolanos bilingues tendem a pronunciar o *s* intervocálico com valor de consoante surda, pois que este fonema tem o valor fonético de [ss] nas línguas bantu: kikongo *bwisa* [buissa] (fazer cair); umbundo *usenge* [ussengue] (mato); kimbundo *kutundisa* [kutundissa] (fazer cair). Assim, as palavras portuguesas são pronunciadas do mesmo modo: casa [cassa], mesa [messa];

- O fonema *g* nunca tem o valor de [ʒ], mesmo que esteja antes de *e* ou *i*, o que se explica pela fonética das línguas bantu: kikongo *n'longi* [n'longui] (professor); umbundo *ongeti* [ongueti] (avarento); kimbundo *pange* [pangue] (irmão);

- O fonema *r* não existe e é representado pelo fonema *l*: *oka-listia* (eucaristia); *o-lekwa* (régua);

- Os ditongos reduzem-se porque as semivogais portuguesas não têm sons correspondentes nas línguas bantu. Assim, as palavras *mas* e *mais* pronunciam-se do mesmo modo [maf];

- O número e a classe das palavras são indicados pelos prefixos e não pelas desinências, como no português: kikongo *salo* (trabalho), *bisalu* (trabalhos); umbundo *utwe* (cabeça), *ovotwe* (cabeças); kimbundo *mutu* (pessoa), *atu* (pessoas). Daí os falantes angolanos que têm fraco domínio do português não sentem a necessidade de fazerem concordância entre o artigo e a marca do plural, dizendo: *os livro, as mesa, os camarada*, etc. O mesmo acontece com os tempos e as pessoas verbais: *O dikamba diami dia-um-zeka / O makamba mami a-um-zeka* (O meu amigo está a dormir / Os meus amigos estão a dormir);

- Os pronomes pessoais *tu* e *você* utilizam-se nos mesmos contextos: *Você não se arrepende pelo que disseste?*;

- Nas línguas bantu, os possessivos praticamente não têm flexão do género, daí que o género do nome não muda a forma do possessivo: umbundo *papa yange* (o meu pai),

³ J.E. Agualusa, op.cit., in: www.zonanon.com (data de consulta: 3.09.2010).

mama yange (a minha mãe); kimbundo *tata iami* (o meu pai), *mama iami* (a minha mãe). É muito frequente encontrar pessoas que dizem: *meu mãe, minha pai*, etc.;

▪ O sistema verbal sofre reduções quanto às formas do conjuntivo, imperativo ou vários tempos do indicativo;

▪ As seguintes combinações: *eu brincas na rua, elas come banana, você vais na escola*, etc. são efeito da ausência da flexão verbal nas respectivas línguas maternas. Os pronomes pessoais prefixos determinam o sujeito e ligam-se ao verbo: umbundo *ame ndipopia* (eu falo); *ove opopia* (tu falas); *eye opopia* (ele, ela fala); *etu tupopia* (nós falamos); *ene upopia* (vós falais); *ovo vapopia* (eles, elas falam);

▪ As línguas bantu utilizam as mesmas construções para definir o lugar *onde, para onde e aonde*: kimbundo *mwene wamuia ku bata* (ele vai para casa), *mwene wala ku bata* (ele está em casa). Em consequência, é vulgar ouvir: *ele está na cidade e ele vai na cidade*, etc.;

▪ Usam a mesma forma do pronome, que se antepõe ao verbo, para designar o complemento directo ou indirecto: kikongo *yandi* (a ele, a ela, o, a, lhe), *bau* (a eles, a elas, os, as, lhes); *Kwa bau lun'disi mbongo zame* (eu lhes dei o meu dinheiro a guardar). Assim, os angolanos utilizam as construções como: *eu chamo-lhe, eu lhe digo*, etc.;

▪ As formas da terceira pessoa do complemento directo muitas vezes são substituídas pelos pronomes pessoais (*encontrei ele na rua*);

▪ Alguns elementos da oração tendem a ser eliminados: artigos (*não sei causa de tristeza de minha mulher*); preposições (*não gosto meu vizinho*); o *-se* apassivante (*as casas vendem*); verbos ser ou haver (*muito tempo não lhe encontro*), etc.

▪ Os elementos da oração sofrem mudança de ordem (*eles não encontram-se*) (Vilela 1995: passim.).

Ao nível do vocabulário, o português falado em Angola sofreu influências de várias línguas nacionais, sobretudo do kimbundo. As palavras importadas podem-se agrupar do modo seguinte:

- nomes próprios das pessoas: *Mbamba, Saki, Hungo*;
- nomes dos deuses: *Nzambi, Kalunga*;
- nomes geográficos: das cidades: *Madimu, Quilende, Ngala, Akala*; dos rios: *Caluango, Kunene, Cassai*; das regiões: *Lombe, Quibaxe, Malambo, Luangue*;
- nomes de vários objectos: instrumentos: *mbuetete, quissange, chinguvos*; potes: *disanga, panda*; cachimbo: *pêxi*;
- nomes das espécies de fauna: aves: *kingungu, kingungua, kinzuá*; antílopes: *palanca, gunga*;
- nomes da flora africana: árvores: *mibanga, milemba, imbondeiro*; frutas: *jinjilu, mákua*;
- alimentação: *canjica, funje, mudimbu*;
- partes do corpo: dentes: *maju*, cabelo comprido: *kindumba*;
- nomes de representantes de várias camadas sociais: *cipaio, jingamba, makota, muata*;
- vários tipos de casas: *cubata, musseque, kimbo*;
- jogos, danças e diversões: *dimbuela, kindembele, cabetula, kizomba, hole*, etc.⁴

Analisando as primeiras influências lexicais exóticas no português, o eminente professor Luís de Matos distingue entre vocabulário correntemente utilizado pelos metro-

⁴ Mendes (1985) in: Hlibowicka-Węglarz, 2003, *Język portugalski w świecie*, Lublin: Wyd. UMCS, p. 35.

politanos no Ultramar mas desconhecido na Metrópole (*lupanga* – meia espada; *maracutá* – dinheiro de Angola; *marabuto* – sacerdote); vocabulário que foi corrente na Metrópole mas caiu em desuso (*libongo* – moeda de Angola; *mucama* – escrava; *mandingueiro* – feiticeiro); vocabulário criado dentro da língua portuguesa com base em vocábulos de origem ultramarina e vocabulário que se integrou totalmente na língua portuguesa e que, ainda hoje, é corrente (*berimbau*, *cachaça*, *macaco*, *mandioca*, *careca*, *carimbo*, *cubata*, *samba*, etc.) (Morais Barbosa 1968: 96–102).

Evidentemente, a língua portuguesa também influenciou as línguas bantu mas os vestígios de tal relação podem-se encontrar só no vocabulário dessas, fonologicamente adaptado ao sistema bantu, por exemplo: *o-ndono* (senhora), *o-sela* (serra), *o-vela* (vela), *o-fof* (fósforo), *o-kasamentu* (casamento), *o-mbatisimu* (baptismo), *oku-kasala* (casar), *oku-kofesala* (confessar), etc. As palavras importadas do português serviam, na maioria dos casos, para designar realidades ou objectos desconhecidos (Lourenço 1992: 58).

No estudo de Manuel Alfredo de Morais Martins titulado *Contacto de Culturas no Congo Português. Achegas para o Seu Estudo* (1958), os empréstimos portugueses no kikongo, uma língua banta falada tanto em Angola como no Congo, são agrupados, entre outras, nas seguintes categorias:

- cristianismo: *Dezu* (Deus); *Klisto* (Cristo); *kluzu*, *kuluzu*, *kulunzi* (cruz);
- antropónimos: *Nzuau* (João); *Zuje* (José); *Mpételo* (Pedro);
- alimentação: *viñyo*, *viñya*, *vinu* (vinho); *kesu* (queijo); *mbóolo* (pão, bolo);
- habitação: *balaka* (barraca); *zanéela*, *néela* (janela); *folono*, *foloni*, *folona* (forno);
- vestuário: *kaminza* (camisa); *kuzáaka*, *nzáaka* (casaco); *sapéwa*, *mpéwa* (chapéu);
- agricultura: *lóosso*, *lozo* (arroz); *káfe*, *kofi*, *kafwe* (café); *sabóola*, *nsabóola*, *bóla*, *bóola* (cebola);
- pecuária: *kaváalu*, *mvalu*, *kuválo* (cavalo); *mpatu*, *mpatwa* (pato); *búulu*, *búuluku* (burro);
- comércio: *lóoza*, *elózia* (loja); *mételo* (metro);
- profissões: *lavadelo*, *lavendelo* (lavandeiro); *solodáado*, *soláadi*, *sodáati* (soldado);
- utensílios: *falamenta* (ferramenta); *kadéela* (cadeira); *péelo*, *péelwa* (espelho);
- administração: *sitado* (estado); *pelézo* (prezo);
- saúde: *dotólo* (doutor); *kipitáalu* (hospital); *ngúíia* (agulha); etc. (Morais Barbosa 1968: 130–132).

*

* *

Hoje em dia, o português, sendo a língua de comunicação internacional, é bem aceite pelos angolanos. Já não é visto como a herança da colonização mas como um meio para subir na escala social. Como prova disso, vamos citar uma entrevista com Emanuel Marta, um angolano de Luanda e estudante de informática de gestão em Coimbra cujas respostas demonstram a atitude da geração dos jovens angolanos da capital perante as línguas nativas e o português⁵:

■ Quais são as relações que se estabeleceram entre a língua portuguesa e as línguas nativas em Angola? Quais são as línguas nativas de Angola?

● Eu vou começar por responder à segunda pergunta: quais são as línguas nativas em Angola? São muitas, posso citar algumas delas como kikongo, umbundo, côkwe, fiato. É-me quase impossível citá-las todas, não as conheço todas. Agora, as relações que se estabeleceram entre essas línguas e o português são poucas à excepção do caso

⁵ A entrevista foi feita pela autora do presente trabalho em Coimbra a 5 de Maio de 2008.

em que são termos que não existiam nessas línguas, por exemplo não existia ‘talvez’. Nas línguas nativas dizem ‘talvez’ porque não existia no seu dicionário, no seu vocabulário. Mas para além disso, não há mais relações de muita importância, são quase nulas.

■ Qual é a aceitação da língua portuguesa por parte dos jovens angolanos da actualidade?

● Extremamente boa. Os jovens angolanos não têm nada em contra do português, até aceitam-no muito bem. Não quero dizer que não tenha interesse nenhum nas línguas nativas, não é isso, mas é conseguir conviver com as duas; a língua oficial e pelo menos respeitar as línguas nativas que na cidade não se falam muito. Respeitamos as línguas nativas, claro, mas aceitamos muito bem o português.

■ Mas tu não falas nenhuma língua nativa?

● Não falo nenhuma língua nativa porque não cresci nesse seio. Sou do centro da cidade de Luanda e dentro da cidade não se falam muitas línguas nativas mas nós somos na minoria no país. Angola é catorze vezes maior que Portugal e tem o mesmo número de habitantes. A cidade de Luanda são três, quatro milhões de habitantes mas nos arredores já se falam as línguas nativas, kimbundo, digamos. Mas nas cidades em si não se falam muito e também não temos essas na escola, não temos nenhuma cadeira de línguas nacionais. Só agora é que começa a aparecer algo mais. Algumas escolas privadas é que têm isso mas nada muito para além.

■ Qual é a abordagem das gerações mais velhas perante a língua portuguesa e as línguas nativas?

● Perante a língua portuguesa...é bem aceite mas não quer dizer que seja mais importante para gerações mais velhas. Eles aceitam porque é meio de comunicação comercial, para empregos e para trabalho é necessário. Mas eles aceitam dessa forma, com o respeito à língua, desde que não nos esqueçamos da nossa língua nativa, que não desprezemos aquilo que é nosso, que é a nossa cultura. São as nossas línguas, os nossos hábitos, costumes. Eles respeitam tudo que nós herdamos do povo português, desde que não se sobreponha à nossa própria cultura, às nossas línguas, às nossas músicas etc.

■ Será que a imposição da língua portuguesa foi uma das “armas” dos colonizadores? Quais foram os métodos da introdução da língua em Angola e quais são os frutos deste processo nas relações entre Angola e Portugal?

● Sim, eu não diria que a colonização foi, entre outros, a imposição da língua portuguesa em Angola porque se não tivesse havido colonização, obviamente não falava português. Os métodos... Acho que nunca fomos obrigados ou não, os portugueses assentaram lá durante quinhentos anos, só nas cidades, as pessoas começaram a ir para lá por causa do trabalho. Então foi aparecendo, foi crescendo o interesse pelo português em Angola, simplesmente isso. Agora a relação entre Portugal e Angola...depende porque não há só uma Angola, não há só Angola de Luanda onde toda a gente fala português na boa e a descontrair. Há uma outra Angola, mais no interior, onde há zonas onde ninguém fala português ou quase ninguém, ninguém sabe ler nem escrever. A relação entre Portugal e Angola neste tipo de lugares é diferente, por exemplo enquanto em Luanda as pessoas respeitam o que herdaram dos portugueses, não vêm com bons olhos a colonização portuguesa, não pela colonização mas mais pela desco-

lonização, ou seja, do que não gostam não é da colonização em si, nem da imposição da língua, nem nada disso mas chateiam-se pela descolonização que foi mais à frente.

■ Perante a expressão dos sentimentos, dos pensamentos do quotidiano e na expressão literária qual seria a língua escolhida pelos angolanos?

● Depende de que Angola estamos a falar de novo. Normalmente as pessoas das cidades como Luanda ou Benguela escolhiam o português mas é uma minoria absurda como a parte dos angolanos ainda fala as línguas nacionais. Então, se estivéssemos a falar em termos de percentagem, diria que o escolhido pelos angolanos seriam línguas nativas mas aquelas que realmente aparecem com peso e com força porque são mais reconhecidas. Em Angola, só as pessoas que falam português escolhiam o português, o que não quer dizer que os angolanos escolhiam isso, pode ser subentendido assim mas não. Angola é muito grande e são pouquíssimos os que falam português. Em termos de percentagem a língua escolhida pelos angolanos seria mesmo a língua nativa.

■ Quais são as diferenças que tu notaste entre o português falado em Luanda e o português de Portugal?

● As principais diferenças são no sotaque e alguns termos da gíria, por exemplo o sotaque angolano é um bocadinho mais bruto, eu diria, que o sotaque português, ao contrário que o brasileiro é um bocadinho mais leve. É só sotaque, temos o calão mas por lá também têm calão. O nosso calão é muito diferente do calão português, é língua da juventude e mesmo dos mais velhos mas não muito. Acho que as diferenças principais são aí, é o sotaque e o calão. Não vejo mais nenhuma assim.

Resumindo, enquanto o estatuto da língua portuguesa em Angola ficou bem definido, o das línguas nacionais continua sem nenhuma regulação científica. Contudo, o governo angolano já tomou algumas medidas admitindo o projecto de alfabetização em línguas nacionais e introduzindo um curso de Línguas e Literaturas Africanas ao ensino superior.⁶ A lei angolana reconhece de facto uma língua oficial, o português e seis línguas nacionais: côkwe, kikongo, kimbundu, mbunda, oshikwanyama, umbundu. A televisão e a rádio angolanas dedicam todos os dias algum tempo da sua antena (30–90 minutos) a cada uma delas (Ndonga 2008: 3–5). Muitas pessoas que conhecem as línguas africanas dos seus pais, respeitam a sua tradição e continuam a usá-las no seu dia-a-dia. No entanto, na sociedade angolana continuam a existir pré-conceitos ideológicos, as línguas nacionais são desprezadas como línguas de menor prestígio, falta algum projecto de promoção e de implicação da sociedade civil nas questões linguísticas, faltam professores, financiamentos, metodologia do ensino e literatura sobre e em línguas nacionais. Angola ainda pertence ao grupo dos países africanos que promovem sobre tudo uma língua europeia. É inegável que a única solução razoável para um país plurilingue, como Angola, é apoiar a língua oficial, defendendo, ao mesmo tempo, todos os idiomas nacionais. Além disso, as diferenças entre o português falado nas grandes cidades angolanas e o português continental efectivamente não são grandes. Assim, o português de Angola não deve ser tratado como um dialecto ou português deturpado, mas como um dos elementos da unidade linguística lusófona.

⁶ A necessidade de introduzir as línguas nacionais no ensino foi assinalada pelo Presidente Agostinho Neto já em 1977 no discurso pronunciado na União dos Escritores Angolanos. Cf. Guerra Marques 1985.

BIBLIOGRAFIA

- AGUALUSA José Eduardo, *Debaixo da língua*, disponível em www.zonanon.com (data de consulta: 3.09.2010).
- FERREIRA Manuel, 1983, Numa perspectiva sociocultural. Que futuro para a língua portuguesa em África?, (in:) *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, vol. 2, Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 34–43.
- GUERRA MARQUES Irene, 1985, *Algumas considerações sobre a problemática linguística de Angola*, Lisboa: UL.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ Barbara, 2003, *Język portugalski w świecie*, Lublin: Wyd. UMCS.
- LOURENÇO Eduardo [et al.], 1992, *Atlas da língua portuguesa na História e no Mundo*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MENDES CORREIA Beatriz, 1985, Contributo para o estudo da língua portuguesa em Angola, (in:), *Język portugalski w świecie*, Barbara Hlibowicka-Węglarz (dir.), Lublin: Wyd. UMCS.
- MORRAIS BARBOSA Jorge, 1968, *O português no mundo*, Lisboa: Sociedade de Geografia.
- NDONGA MFUWA Manuel, 2008, *Línguas e política linguística em Angola*, São Paulo: Universidade de São Paulo.
- PEIXOTO DA FONSECA Fernando Venâncio, 1985, *O português entre as línguas do mundo*, Coimbra: Tipografia Guerra-Viscu.
- VILELA Mário, 1995, Algumas tendências da língua portuguesa em África, (in:) *Ensino e língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*, Mário Vilela (ed.), Coimbra, Almedina, 45–72.

Summary

*“The fact that you speak an indigenous language doesn’t mean that you’re more Angolan than me”
– some observations on the linguistic reality of Angola*

This article presents the historical factors that influenced the development of the current linguistic situation of Angola. Taking into account the fact that Angola is one of the few African countries, where urban residents are not familiar with any national language, a lot of space is devoted to the description of the characteristics of the Portuguese language used in cities and beyond. The article emphasizes the influence of national languages on grammar and vocabulary of Portuguese language and explores the vocabulary of Portuguese origin used in national languages. The paper ends with an interview with Emanuel Marta, an Angolan from Luanda, that reveals the attitude of youth living in the capital city towards the Portuguese and national languages.

Streszczenie

*„To, że mówisz w języku afrykańskim, nie znaczy, że jesteś lepszym Angolczykiem niż ja”
– obserwacje na temat sytuacji językowej w Angoli*

W niniejszym artykule przedstawia się czynniki historyczne, które wpłynęły na kształtowanie się aktualnej sytuacji językowej Angoli. Biorąc pod uwagę fakt, że jest to jeden z niewielu krajów afrykańskich, gdzie mieszkańcy miast nie znają żadnego języka narodowego, wiele miejsca poświęca się zestawieniu cech języka portugalskiego używanego w miastach oraz poza nimi. Podkreśla się wpływy języków narodowych na gramatykę i leksykę języka portugalskiego oraz analizuje się słownictwo pochodzenia portugalskiego używane w językach narodowych. Artykuł jest zakończony wywiadem z Emanuelem Martą, Angolczykiem pochodzącym z Luandy, który obrazuje stosunek młodego pokolenia mieszkającego w stolicy do języka portugalskiego oraz języków narodowych.